

Mulheres “arteiras” tecendo potência: uma análise das práticas pedagógicas extensionistas

“Handcrafty” women weaving potency: an analysis of the extensionist pedagogical practices

Stela Cristina de Godoi¹
Iara Teixeira Rebouças dos Santos²
Jaqueline Jordão³

RESUMO

Este escrito baseia-se na observação participante obtida pela prática extensionista, junto ao grupo de mulheres “Guerreiras do Satélite”, assistidas pelo CRAS Satélite Íris, no município de Campinas-SP. O projeto que subsidia essa reflexão desenvolve atividades socioeducativas, visando contribuir para o fortalecimento das mulheres e de seus vínculos sociais. As ações são pensadas como estratégias para o enfrentamento do insulamento das mulheres que resulta da desigualdade na divisão sexual do trabalho. Observamos que o recrutamento prematuro das meninas para os trabalhos reprodutivos, o abandono escolar e a violência doméstica privam as mulheres de ocupar espaços sociais fora do núcleo familiar. Neste sentido, as intervenções utilizam Círculos de Cultura, baseados na perspectiva freiriana de educação como prática de comunhão e liberdade, e Círculos de Trabalho Artístico, que concebe a educação como esforços conativos do corpo-mente social em sua busca por preservar-se e atualizar o bem comum. Por meio da atividade problematizadora e de reconstrução imaginativa que culminam na produção artística, buscamos ressignificar o sofrimento, despertar as paixões alegres e fortalecer um devir ético que encorajem essas mulheres a perseverar em si próprias, tecer laços de solidariedade e ocupar outros espaços sociais não prescritos pelas estruturas vigentes.

Palavras-chaves: Divisão sexual do trabalho. Mulheres. Arte. Ética. Afeto.

ABSTRACT

This writing bases itself in the participant observation obtained through extensionist practice, with the group of women “Warriors of the Satellite”, assisted by CRAS Satélite Íris, in the municipality of Campinas, State of São Paulo, Brazil. The project that subsidizes this reflection develops socio-educational activities aiming to contribute to the strengthening of women and of their social bonds. The actions are thought as strategies to tackle the insulation of women that results from the inequality in the sexual division of work. In this sense, interventions use Culture Circles, based on the Freirean perspective of education as communion and freedom, and Artistic Work Circles, conceiving education as conative efforts of the social body-mind in its search for preserving itself and actualizing common good. Through problematizing activity and imaginative reconstruction which culminate in artistic

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; professora da Faculdade de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil; coordenadora do Projeto ARTiculadas (stela_godoi@yahoo.com.br).

² Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil (iara.teixeira096@gmail.com).

³ Graduanda em Artes Visuais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil; estagiária no Centro Interdisciplinar de Atenção à Pessoa com Deficiência (CIAPD/PUC) (jaque.jordao95@gmail.com).

production, we seek to resignify suffering, awake joyful passions, and strengthen an ethical becoming that encourage these women to persevere in themselves, weave bounds of solidarity, and occupy other social spaces not prescribed by reigning structures.

Keywords: Sexual division of work. Women. Art. Ethic. Affection.

Uma introdução às práticas extensionistas e ao artesanato intelectual

A sociologia foi concebida como artesanato intelectual por autores como C. Wright Mills, Henri Lefebvre, P. Bourdieu, Florestan Fernandes e José de Souza Martins. Segundo Martins (2014), a prática sociológica que mais sofreu ataques ao longo da sua história guarda em comum com o artesanato e o artesão o fato de ser algum tipo de “alquimia”, de práxis transformadora:

Artesãos eram socialmente estigmatizados [...]. Havia sido degradados socialmente pelo exercício do trabalho manual [...] que transforma a natureza em coisas úteis. O artesão era e é quem dá forma ao informe e função ao que a forma adquiriu. [...] Ainda hoje, em muitos lugares do Brasil, crianças muito ativas e desobedientes são definidas como arteiras. [...]. Arteiro era quem fazia arte, que criava o produto não natural, quem invadia o âmbito do divino, que era o da transformação das coisas, da metamorfose de uma coisa em outra. (MARTINS, 2014, p. 21-22).

O projeto de extensão que subsidia essas reflexões sobre práticas extensionistas com mulheres periféricas orienta-se pela noção de que a sociologia deva ser um artesanato e o/a artesão/ã um/a produtor/a de interpretação sociológica. Intitulado “Unidas na diferença, trabalhando pela igualdade: ações socioeducativas por uma nova divisão sexual do trabalho”, conta com uma equipe multidisciplinar de estudantes de Ciências Sociais, Psicologia e Artes Visuais, que tem em comum a problemática da desigualdade entre homens e mulheres. As reflexões apresentadas nesse escrito são a bricolagem de ações socioeducativas realizadas através do debate sociológico sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito da família e da educação, e através de práticas artísticas que recuperam e atualizam os saberes das mulheres em artes manuais.

Ademais, as nossas ações extensionistas desenvolvidas na interface entre o Estado e a Universidade partem de uma prática pedagógica orientada pela concepção freiriana de educação, como processo de humanização e afirmação da liberdade. De acordo com Carvalho e Pio (2017), a práxis defendida por Freire (2018) se refere a uma soma de atividades que tem como função a transformação da realidade e a produção da história dos indivíduos. Dessa maneira, essa práxis se constitui em:

1) práxis libertadora – constituída pela superação do dualismo entre ação e reflexão e refere-se a uma atividade prática, orientada pela teoria que se remete à ação transformadora da realidade, por sua vez, libertadora do homem; 2) práxis autêntica – promove, cria, forma e auto(trans)forma a essência humana, está a serviço do processo histórico de promoção da humanidade; 3) práxis revolucionária – implica o desvelamento do mundo da opressão pelo diálogo com os oprimidos, com vista ao reconhecimento dos seres humanos como seres de busca, do ser mais; 4) práxis verdadeira – revela o caráter criativo e autoprodutivo da práxis humana. Origina na ideia de homem enquanto produto e criação de sua autoatividade. (CARVALHO; PIO, p. 443).

Neste sentido, a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, passa por dois processos. O primeiro deles é quando o oprimido desvenda os elementos opressivos que o cercam e assim entende a práxis como sendo o fator de transformação. O segundo deles diz respeito à transformação de fato de uma realidade opressora que faz com que as práticas pedagógicas deixam de ser do oprimido, se tornando a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação. Assim,

No processo de busca pela libertação dos homens, Freire aloca a práxis como condição e fundamento da ação, da luta, no sentido de rompimento com a idealização, bem como de revelação do teor alienante imposto pela relação opressor/oprimido. Para Freire, é essencial que os oprimidos descubram o opressor e se organizem para lutar pela libertação deles, pela superação desse regime. (CARVALHO; PIO, p. 433).

Trata-se de uma práxis que permite que o sujeito pronuncie o (seu) mundo, o denuncie e o transforme. Neste sentido, no projeto utilizamos basicamente duas técnicas de intervenção dialógica de inspiração freiriana com as mulheres “Guerreiras do Satélite”: Círculos de Cultura e Círculos de Trabalho.

Os Círculos de Cultura são o momento da troca da educação popular entre os coordenadores e as demais participantes, quando todas se reúnem em círculo para dialogar, comunicar-se, na busca de conscientização e cultura. Nesse momento de reflexão e troca, buscamos resgatar os saberes das mulheres, ou o que poderíamos chamar de uma visão “pré-sociológica” do mundo que elas já produzem sobre as próprias vidas e, em específico, sobre a divisão sexual do trabalho. A estratégia utilizada para acessar esses saberes e experiências tem sido propor a vivência de brincadeiras populares, tais como “batata quente”, “telefone sem fio”, “passa anel”, por meio das quais, como demonstraremos a seguir, temos obtido relatos muito importantes para nosso artesanato sociológico.

Além desses momentos de reflexão, desenvolvidos desde 2016, inspirados nos Círculos de

Cultura freirianos, também realizamos oficinas de trabalho artístico intituladas de “Círculos de Trabalho”. Compreendemos a arte como linguagem e forma de afecção. No momento do trabalho artesanal, para além de simples produtos, as mulheres confeccionam expressões relacionais de si, um retrato do eu-com-o-outro-no-mundo.

No Círculo de Trabalho dá-se uma bricolagem dos saberes das mulheres, acumulados ao longo de suas próprias trajetórias de vida, e aqueles que colocamos em circulação como repertório novo levado pela equipe do projeto. As habilidades artísticas trabalhadas nos Círculos não só ampliam o repertório de saberes do “Guerreiras do Satélite”, como também contribuem para o desenvolvimento de uma identidade visual do grupo, para a afirmação do pensamento ativo, na contramão do enfraquecimento da imagem de si, que o sofrimento causado pelo círculo de violência no qual as mulheres estão implicadas, produz.

Ou seja, chamamos de “Círculos de Trabalho” as intervenções em que o trabalho coletivo é posto como o centro motor das engrenagens da emancipação. Por meio de rodas de trabalho artesanal, os saberes das mulheres são ouvidos e problematizados, ao mesmo tempo em que se empreende a tecelagem de aspirações e projetos de vida. Os temas apresentados não se colocam, nessas dinâmicas, como um campo fora da realidade, mas como outra leitura de mundo possível e articulada àquelas leituras gestadas pelo próprio público-alvo.

Assim, após essa reflexão sobre as metodologias que utilizamos na extensão, este escrito se dividirá em duas partes. Na primeira discutiremos alguns resultados obtidos em Círculos de Cultura que visavam o fortalecimento de vínculos contra o insulamento das mulheres no espaço doméstico. Na segunda parte, por sua vez, analisaremos alguns elementos da prática extensionista orientadas pela técnica do trabalho artesanal, nos Círculos de Trabalho.

O que as mulheres “arteiras” segredam em suas mãos?

*O passa anel revelou ser mais que uma brincadeira.
É sobre controle, transgressão e silêncio que as mãos contam.*
[Trecho do Diário de Campo de Iara Teixeira]

O tema que estrutura o projeto é a desigualdade de gênero implicada na divisão sexual do trabalho. Helena Hirata e Danièle Kergoat, durante as décadas de 1970 e 1980, desenvolveram uma discussão sobre as desigualdades de gênero, pautada pelas questões do trabalho. Foram elas que, há mais de 40 anos, iniciaram, no contexto francês, o conceito de

divisão sexual do trabalho, não só para se referir à distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, mas para mostrar como ela se associa a uma divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos:

A divisão do trabalho entre os homens e mulheres é parte integrante da divisão social do trabalho [...] surgiu simultaneamente ao capitalismo. [...] A propósito dessa imbricação das diferentes relações sociais, tentei demonstrar que relações de classe e relações de sexo não eram hierarquizadas, mas coextensivas: em outras palavras, são conceitos que se sobrepõem parcialmente, e não conceitos que se “recortam” ou que “se articulam”. (HIRATA; KERGOAT, 2002, p. 234-235).

Assim, o conceito de divisão sexual do trabalho, em sua dupla acepção, contribui para se pensar na própria estruturação de um sistema de gênero. Deste modo, além do trabalho, é preciso levar em consideração outras instituições sociais, como a educação escolar, que participam da normalização desses papéis sexuais desfavoráveis às mulheres.

No quadro das representações sociais dominantes sobre o gênero feminino, a formação escolar das mulheres nunca foi prioridade em sua socialização. Segundo Zaidman (2009), em oposição à socialização, educação envolve o caráter intencional da ação na realização de um ou vários projetos. Assim, para pensar as diferenças na educação de homens e mulheres é importante levar em consideração o “modo de compartilhamento e os sistemas de relações entre as diferentes instâncias de socialização, como a escola, a família, o grupo de pares, as mídias, os meios profissionais etc.” (ZAIDMAN, 2009, p. 80).

Os estudos influenciados pela sociologia da educação francesa centraram primeiro a análise na escola, sua estrutura e fluxo de alunos. Mais tarde, com a generalização das escolas mistas, assistiu-se a um otimismo no princípio de igualdade de oportunidades para meninos e meninas e, depois, a moderação desse otimismo, quando a escola passou a ser percebida como um elo importante na manutenção da divisão sexual do trabalho (ZAIDMAN, 2009).

Assim, uma pergunta emerge desse percurso reflexivo: se a educação consiste em permitir a entrada individual e coletiva de novos membros numa sociedade, porque a escola, enquanto instância legítima de educação formal, não assegura às mulheres uma inserção equitativa na sociedade?

Alguns pesquisadores consideraram que essa desvalorização escolar das meninas no momento da orientação para o mercado de trabalho – reproduzindo os papéis tradicionais de gênero – deve-se à socialização primária de meninos e meninas no âmbito da família. Outros

interpretaram que se trata de “escolha racional” das meninas diante da difícil “conciliação” entre vida familiar e profissional devido à desigual divisão sexual do trabalho.

Nesse sentido, as análises de Pires (2012) sobre os sentidos atribuídos por mulheres pobres para a renda do Programa Bolsa Família apontam para o fato de que a maternidade dentro de famílias pobres opera como uma poderosa fonte de reconhecimento das mulheres no domínio da casa. Assim, a desvalorização escolar das meninas, não está motivada apenas por fatores econômicos, mas também simbólicos, uma vez que é sendo mãe que as mulheres nas famílias pobres ganham reconhecimento e alguma autoridade como “chefe da casa”.

Essas reflexões chamam a atenção para o fato de que a relação das mulheres periféricas com a educação e o trabalho é paradoxal. É no domínio da casa, e não do trabalho fora de casa, que as mulheres pobres encontram possibilidade de reconhecimento social. Ou seja, sua socialização no interior de uma instituição social (a família), envolve, ao mesmo tempo, sua dessocialização em outras (a escola e o trabalho).

Essa realidade de falta de estímulo ao estudo e abandono escolar prematuro das meninas aparece em muitos depoimentos das mulheres do grupo “Guerreiras do Satélite”. Quando as mulheres relatam seu sofrimento, é a menina que aos nove anos parou de estudar, “para trabalhar na casa de outras famílias em troca de quase nada”, quem fala. Parar de estudar não foi para essas meninas pobres uma escolha, mas a mais absoluta falta de escolha.

Tendo em vista a orientação pedagógica do projeto e o objetivo compartilhado com o CRAS de contribuir para o fortalecimento das mulheres e de seus vínculos sociais, elaboramos um Círculo de Cultura para falar sobre confiança e redes de apoio a partir da brincadeira do passa anel. Trata-se de um jogo da cultura popular brasileira em que um grupo se organiza em roda e uma pessoa confia secretamente sua “jóia preciosa” para alguém. Quem recebe deve guardar na concha das mãos até que um elemento de fora identifique quem recebeu o anel.

A brincadeira disparou muitas memórias da infância. Vieram à tona relatos sobre as privações materiais, sobre o impedimento de estudar, sobre violência parental e os interditos em relação ao corpo e à sexualidade feminina. Segundo as participantes, na falta da “jóia preciosa”, era uma pedrinha ou anel de palha de milho que circulavam entre as mãos dos brincantes. “Passar o anel” era um meio de tocar o corpo do outro, fronteira que a violência

parental e doméstica parecia ignorar.

Na roda de conversa sobre a brincadeira da infância, os risos trazidos pela lembrança das paqueras pueris pareciam disputar força com a dor de se recordar do controle opressivo exercido pela família sobre seus corpos. As memórias individuais pareciam compor um mesmo quadro social. Todas relatavam, por exemplo, que recebiam das mulheres adultas informações distorcidas sobre a sexualidade, como se fosse esse o único recurso que essas tivessem para “protegê-las” de abusos iminentes, num mundo em que o desejo masculino é a lei e a ordem.

Após a conversa sobre a brincadeira do passa anel, sugerimos a confecção de tapeçarias com retalhos de tecido, usando teares de madeira e prego. Sugerimos que cada retalho de tecido representava fragmentos de histórias, que estávamos ali selecionando, organizando e costurando. Assim o fizeram. Escolheram as malhas e foram tecendo fios e frases: “Eu não acredito no amor, pois quem ama não bate, não judia, não faz sofrer”. No embalo do vaivém das fitas de tecido no tear, aos poucos suas lembranças e visões sobre a vida foram se entrelaçando para denunciar o mundo, fazendo da voz, do silêncio e das mãos seus instrumentos potentes de re-existir.

As “Guerreiras do Satélite” entre a arte e o artesanato

Bordando as ilustrações de mãos, elas imprimiram no tecido suas particularidades (como anéis, pulseiras e unhas), tudo de uma forma tão natural, fazendo daquelas mãos, suas próprias mãos.
[Trecho do Diário de Campo de Jaqueline Jordão]

Em campo, nós (a equipe do projeto) e elas (as “Guerreiras do Satélite”), unidas na diferença e trabalhando pela igualdade, fazemos artesanato sociológico. A matéria é a vida das mulheres. Nesse fazer-se, às vezes as palavras faltam ou não bastam.

Para compreender os trabalhos produzidos pelo grupo “Guerreiras do Satélite” temos que entender a expressão e as ocultações do conceito de artesanato. De acordo com o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB, 2019): “Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade”.

Nessa definição, artesanato seria um objeto realizado por um artesão, usando técnicas de um

ofício manual que transforma os materiais em objetos únicos e particulares. Assim, um artesão ou uma artesã conhece todos os processos realizados na confecção e, a partir desses processos, expressa seu conhecimento.

A linha entre artista e artesão é muito tênue. A concepção que se tornou dominante na modernidade é a de que a maior diferença entre os dois estaria na divisão entre as “grandes artes” (pinturas, desenho e esculturas) e as “menores artes” (miniaturas, tapeçarias, bordados etc.). Esta divisão se daria pelo fato de se considerar que nas grandes artes, o artista exerce uma função intelectual, enquanto os artesãos seriam apenas executores, considerados então como inferiores. Tal suposição se agravou com o desenvolvimento das academias de arte (a partir do século XVIII) e com as hierarquias acadêmicas.

Os artesanatos foram atribuídos na sociedade como trabalhos femininos. De acordo com Simioni (2010), as Academias artísticas passaram a ter o monopólio do estudo do modelo vivo, que era de muita importância, pois era a principal fonte para a produção dos retratos e para o estudo da representação humana. O uso de modelo vivo era proibido para as mulheres da época, assim destinadas a fazerem outros trabalhos manuais como o bordado. Com isso, estavam aptas apenas a criarem o que então se convencionou denominar de gêneros “menores”: as miniaturas, as pinturas em porcelana, as pinturas decorativas (vãos, esmaltes etc), as aquarelas, as naturezas- mortas e, finalmente, toda a sorte de artes aplicadas, particularmente as tapeçarias e bordados.“ (SIMIONI, 2010, p. 05)

Mesmo nos circuitos modernistas, ainda ficou muito claro a divisão sexual dos trabalhos na arte, em que as mulheres ainda eram desencorajadas e recusadas em ateliês importantes, e então participavam quase exclusivamente de ateliês de tecelagem. Desse modo, o nome das mulheres foi quase que apagado na história da arte, uma vez que nas “grandes artes” sua participação era interdita e os pequenos trabalhos manuais, como o bordado, ficavam, em sua grande maioria, sem uma assinatura. Ou seja, o que se interditava, em suma, era que as mulheres “assinassem” a História.

Em um Círculo de Trabalho realizado com as “Guerreiras do Satélite”, levamos essa reflexão sobre as diferenças entre arte e artesanato, com o objetivo de compreender o imaginário daquele grupo sobre sua própria expressão artística. A dinâmica consistiu em levar vários objetos produzidos manualmente e pedir para que elas colocassem em mesas separadas o que entendiam como arte e como artesanato. A linha tênue entre arte e artesanato apareceu de

modo bastante evidente na leitura do grupo. Não foi possível identificar características físicas dos objetos e das técnicas utilizadas para fazer essa classificação. Observamos que o critério passava muito mais por questões de função do objeto e hierarquia social. Quadros e esculturas, por exemplo, pareciam mais arte que produtos mais utilitários e femininos. Todavia, um resultado foi surpreendente. O livro de pano feito com bordado pelo próprio grupo, em 2018, foi colocado na mesa das artes. Estávamos diante de “mulheres arteiras”, rompendo o silêncio da história.

Então, compreendemos que os Círculos de Trabalho, desenvolvidos pelo projeto de extensão, poderiam contribuir para restituir um lugar na História para essas mulheres, por meio de práticas que fomentassem a identidade visual do grupo e a sua expressão no próprio território.

Em uma oficina de bordado com pedrarias, o grupo bordou mãos de mulheres gesticulando ofícios artesanais. O bordado das mãos teve a função de uma metalinguagem. Tornou-se, *signature*, assinatura, símbolo de sua própria “natureza”, signo de d(Eus), formas finitas da substância infinita. É nesse olhar sobre a potência que nos encontramos com a leitura spinozana sobre educação e arte.

De acordo com Merçon (2009), para Spinoza a substância é infinita e pertence a tudo (como um deus). Desse modo, existem duas maneiras de manifestação da substância, o pensamento (mente) e a extensão (corpo). Assim, essa substância que o filósofo racionalista intitula de deus ou natureza é infinita e se manifesta no ser humano que é finito.

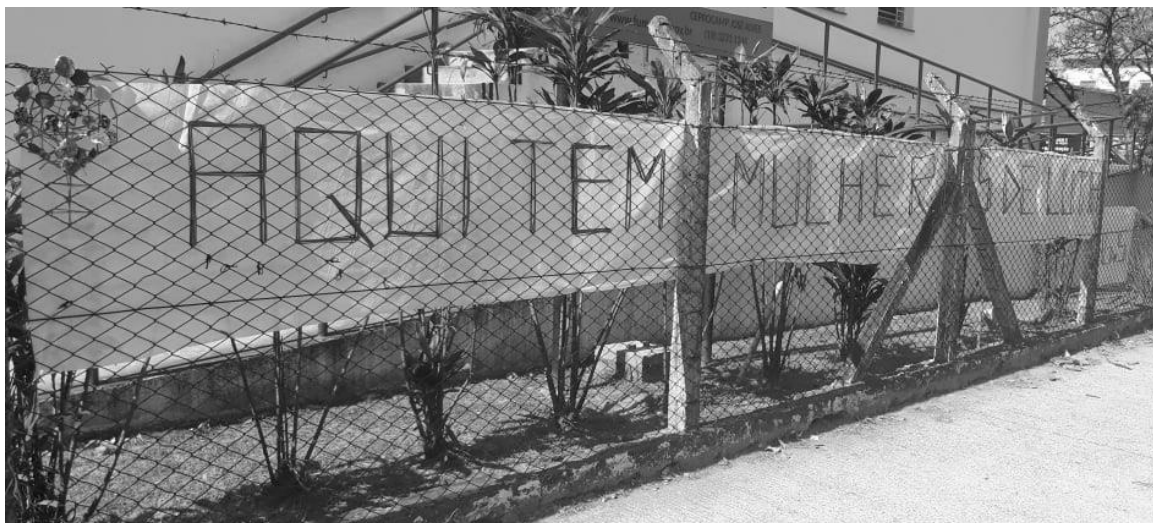
A causa imanente da substância infinita se exprime no homem e lhe imprime uma potência causal, ou seja, a capacidade de afetar o outro por meio da sua potência. Isso significa que existir é causar. A potência não é um princípio de ação, ela é a própria ação. Tem-se, deste modo, o entendimento de que o corpo é relacional e é nele que se desperta a substância da potência, o que Spinoza chamou de *conatus*.

Desse modo, entendendo a extensão universitária como uma troca de saberes e a educação como sistema de afecções, em uma segunda oficina, propusemos às mulheres que imprimissem a sua marca, a sua assinatura, no próprio território, para que pudessem também afetar outras mulheres que passassem por ali.

Na intervenção proposta, utilizamos o meio têxtil para bordar, em escala ampliada, no

alambrado do CRAS Satélite Íris uma frase para afetar outros corpos. O material usado foi o fio de malha e a frase escolhida foi: “Aqui tem mulheres de luta. Ass: G.S.”

Imagem 1 – Faixa resultante da oficina no CRAS Satélite Íris, Campinas-SP



Fonte: Acervo do projeto (2019).

Ouvindo os relatos das mulheres periféricas e contemplando sua arte, compreendemos assim o vivido. Na cidade-mercadoria, construída para e pelos homens, os espaços públicos são frequentemente lugares hostis às mulheres. Para as mulheres trabalhadoras, as travessias são fardos pesados demais. Na lógica sistêmica de opressão de seus corpos, esperam delas que não morem “na cidade”, mas que apenas se escondam. As “mulheres arteiras” subvertem essa lógica e assinam a história, na qual o silêncio é o idioma imposto pelo dominador, o artesanato é a assinatura das mulheres que semeiam potência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aprendemos com a pedagogia do oprimido e como adaptamos para a extensão universitária? Levando em consideração não só suas técnicas, mas toda a sua práxis, entendemos que, embora a “pedagogia do oprimido” tivesse como objetivo imediato a alfabetização de adultos, deixou uma importante contribuição para todos aqueles agentes comprometidos com a força material da palavra. Trata-se de fazer com que palavra e silêncio coloquem novas realidades em movimento ao lado do oprimido, e não na vanguarda deles.

Desde esse início, esse projeto de extensão vem caminhando no sentido da consolidação de uma metodologia própria que chega agora em sua última etapa de desenvolvimento. Em

2016-2017, inspirada na pedagogia freiriana criamos a prática dos Círculos de Trabalho, dando centralidade ao trabalho associativo de mulheres com artes manuais, concebido como meio de reflexão e ação. Em 2018, incorporamos aos Círculos de Cultura, dinâmicas inspiradas em jogos e brincadeiras da cultura popular brasileira. E agora, em 2019, estamos pensando a educação como aprendizado ético-afetivo que promove o desenvolvimento de *conatus* (o esforço em perseverar no seu ser, próprio a todas as coisas), buscando superar a ilusão de que se educa direta e exclusivamente através da fala (MERÇON, 2009).

Nesse escrito, buscamos apresentar esse percurso metodológico, bem como os impactos da perspectiva pedagógica freiriana e da leitura spinozana da educação para a extensão universitária. Além disso, o artigo analisou a linguagem e forma de interpretação das mulheres do grupo “Guerreiras do Satélite” acerca da divisão sexual do trabalho. Nessa análise, levamos em consideração que tal problemática envolve pensar o papel da família e da educação para a normalização da desigualdade ou para a insurgência contra a opressão.

Assim, na prática junto à população extramuros, o tripé ensino, pesquisa e extensão, se evidencia como partes indissociáveis de uma mesma totalidade dialética. Diferente da visão positivista de Ciência, aprendemos com a extensão universitária a perceber no outro não um objeto de pesquisa, mas o sujeito da mediação socializadora por meio da qual o ensino é enriquecido e atualizado a partir das incertezas vivenciais compartilhadas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, S. M. G. de; PIO, P. M. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 428-445, aug. 2017. Doi: 10.24109/2176-6681.rbep.98i249.2729. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/zpsDMKRZvTM3BwNSZLb8Cqp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 256 p.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho. *In*: HIRATA, H. (org.). **Nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 233-235.

MARTINS, J. de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014. 224 p.

MERÇON, J. **Aprendizado ético-afetivo**: uma leitura spinozana da educação. Campinas: Alínea, 2009, 167 p.

PIRES, A. Orçamento familiar e gênero: percepções do Programa Bolsa Família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 130-161, Apr. 2012. Doi: 10.1590/S0100-15742012000100009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KgzwrMHdPmXgXb6kHWv93pN/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 17 abr. 2020.

SIMIONI, A. P. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Proa**, Campinas, n. 2, v. 1, 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>. Acesso em: 10 maio 2020.

ZAIDMAN, Claude. Educação e socialização. *In*: HIRATA, H. *et al.* (org.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009. P. 80-84.

Submetido em 8 de junho de 2020.

Aprovado em 28 de janeiro de 2021.